

BULLYING PELA LENTE DOS PROFESSORES: PERCEPÇÕES E ATUAÇÕES NA ESCOLA

Alana Wagemacker Borges¹, Alice do Carmo Narciso¹, Alyne Teixeira Sant'ana¹, Letícia Garcia de Oliveira², Lara Nicoli Passamani³, Mauricio Vaillant Amarante³, Jesiree Iglesias Quadros Distenhreft³, Rodolfo Nicolau Soares³, Clara Pacheco Santos³

¹Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

²Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

³Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

RESUMO

Este artigo científico investigou o fenômeno do bullying sob a perspectiva dos professores, explorando suas percepções e ações no contexto escolar. Foram destacadas a visão dos educadores sobre a gravidade e relevância do fenômeno, bem como lógicas que atravessam esse cenário. Além disso, o estudo analisou as estratégias e intervenções adotadas pelos professores para lidar com situações de bullying, os treinamentos aplicados pela instituição, bem como políticas de prevenção adotadas. Contou com uma metodologia qualitativa, onde a coleta de dados aconteceu em uma escola em Vitória/ES e em sites periódicos de psicologia. Para a análise, foram separadas em categorias, baseando-se nos estudos de Laurance Bardin. Os resultados proporcionam uma contribuição significativa para a compreensão mais aprofundada do papel dos professores na prevenção e enfrentamento do bullying, com implicações importantes para a promoção de um ambiente escolar seguro e inclusivo.

Palavras-chave: Bullying, Capacitação, Professores.

INTRODUÇÃO

Entender como os professores percebem o fenômeno do bullying e seu impacto no ambiente escolar desempenha um papel fundamental no enfrentamento dessa questão social, visto que os trabalhadores da escola podem desempenhar um papel ativo na prevenção e controle deste fenômeno, bem como de outros comportamentos interativos inadequados e prejudiciais ao desenvolvimento (Oliveira-Menegotto; Machado, 2018). Compreender sobre o bullying é, portanto, se atentar para comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, conforme a Lei nº 13.185 (Brasil, 2015). Notoriamente, nos últimos 10 anos há uma crescente recorrência da discussão nos meios midiáticos, o que pode contribuir na preocupação das instituições educacionais com as relações operadas em seu contexto. Este aumento, que vem sendo destacado no Brasil, já foi observado em outras partes do mundo (Del Pont; Moraes; Del Prette, 2020). Diante de todas as conjunturas que podem oferecer suporte e enfrentamento para estes acontecimentos, a forma como os professores interpretam e elaboram o bullying pode ter implicações significativas na identificação, prevenção e intervenção adequada.

De acordo com estudos como os de Francisco e Libório (2009) e Oliveira- Menegotto e Machado (2018), parece haver uma fragilidade na identificação do bullying pelos educadores, especialmente quando ocorre de maneira mais sutil. É neste sentido que esta pesquisa tem como objetivo investigar a percepção dos professores sobre o

bullying, examinando suas perspectivas, atitudes e práticas em relação a esse fenômeno, a fim de analisar possíveis estratégias eficazes para criar ambientes escolares seguros e livres de bullying.

O bullying é um problema complexo e preocupante que afeta pessoas em todo o mundo, podendo causar danos emocionais e psicológicos significativos. De acordo com pesquisas (Bandeira; Hutz, 2012; Berger, 2007; Catini, 2004; Lopes Neto, 2005), suas consequências físicas e emocionais podem afetar a vida acadêmica, social, emocional e até mesmo legal das vítimas, autores e testemunhas. Além disso, esses efeitos variam dependendo da frequência, duração e intensidade dos episódios (Silva; Rosa, 2013).

O bullying é, também, um fenômeno que ocorre em diversos contextos sociais, sendo a escola um ambiente propício para sua propagação, pois é um local onde diversas pessoas se reúnem, se agrupam e interagem (Oliveira-Menegotto; Machado, 2018). Dentre do grupo escolar, a figura de autoridade representada pelos professores pode contribuir sobremaneira para a modificação dessas dinâmicas. Nesse sentido, é de extrema importância compreender a percepção dos professores em relação ao bullying, bem como seus impactos no ambiente escolar, para que ações efetivas de prevenção e intervenção possam ser desenvolvidas.

É sabido que no ambiente escolar os professores desempenham um papel essencial como mediadores. No entanto, muitos destes trabalhadores não foram adequadamente treinados durante os cursos de formação inicial ou continuada para identificar e lidar com o bullying nas escolas (Trevisol; Campos, 2016). Conforme apontado por Silva et al. (2018), nos programas de licenciatura do Brasil a questão do combate ao bullying é pouco abordada ou trabalhada.

Segundo Trevisol e Campos (2016, p. 281), “a formação e capacitação adequada dos profissionais que atuam na escola, bem como a constituição de equipes multidisciplinares, certamente tende a contribuir para auxiliar no cotidiano escolar no encaminhamento de problemas como bullying”. Tendo em vista que os professores têm contato direto e diário com os estudantes, este estudo abordará a percepção dos professores de uma escola particular do ensino fundamental e médio, localizada na região urbana da cidade de Vitória/ES, em relação ao bullying e seus impactos no ambiente escolar. Serão discutidos noções, entendimentos e assimilações dos professores sobre o fenômeno do bullying. Sendo assim, o tema investigado por este estudo diz respeito à problemática do bullying sendo manejada pelos professores, o que inclui suas ações e estratégias para lidar com o referido problema, bem como as lógicas sobre bullying que operam no cotidiano escolar.

Dessa forma, essa pesquisa justifica-se, cientificamente, no que tange à ampliação dos conhecimentos sobre a temática a partir do ponto de vista dos professores, e, socialmente, por poder fornecer insights valiosos para o desenvolvimento de políticas e práticas educacionais mais efetivas e integrativas.

Este estudo irá focar na percepção dos professores de uma escola particular do ensino fundamental e médio, localizada na região urbana da cidade de Vitória/ES, em relação ao bullying e seus impactos no ambiente escolar. A pesquisa se concentrará na identificação de noções, entendimentos e assimilações dos

professores sobre o fenômeno do bullying. Sendo assim, o tema a ser investigado diz respeito à problemática do bullying sendo manejada pelos professores, o que inclui suas ações e estratégias para lidar com o referido problema.

A falta de assimilação sobre as dinâmicas que envolvem o bullying e suas diversas manifestações ocasiona um vazio de normas (Schwartz; Durrive, 2007) que os professores precisam gerir cotidianamente. Uma das implicações deste vazio é o desconhecimento dos diferentes tipos de bullying, bem como uma ineficácia ou até mesmo ausência de estratégias que contribuam na prevenção e na intervenção. É válido ressaltar que no Brasil, nos programas de licenciatura atuais, a questão do combate ao bullying não é abordada ou trabalhada. (Silva et al., 2018). Logo, o problema de pesquisa aqui apresentado corresponde a: Como professores compreendem o bullying e como eles atuam a partir de tal compreensão.

Logo, o objetivo geral visa investigar as percepções de professores de uma escola particular localizada em Vitória, Espírito Santo sobre o bullying e os impactos deste fenômeno no ambiente escolar. Mais especificamente, identificar termos utilizados pelos professores para classificar o que é o bullying, descrever algumas lógicas que operam no cotidiano escolar a partir da formulação sobre o que é o bullying e associar a experiência dos professores com a temática às estratégias institucionais de enfrentamento para situações de bullying.

MATERIAL E METODO

Esta pesquisa, de natureza aplicada, visa investigar de forma exploratória a percepção dos professores sobre o bullying e seus efeitos no ambiente escolar. Para alcançar esse objetivo, será assumida uma abordagem qualitativa, que permitirá uma compreensão aprofundada das experiências e perspectivas dos professores. “A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p. 20). O método conta também com uma revisão bibliográfica dos últimos dez anos em bancos periódicos Scielo e PEPSIC sobre estudos na área de educação infantil, utilizando as palavras-chave “Bullying, Professores e Treinamento Educacional”. Fator importante esse que promove um melhor entendimento sobre a aplicação da pesquisa.

Os participantes são professores de ensino fundamental I e II e Ensino Médio de uma escola particular localizada em Santa Lúcia, Vitória/ES, tendo a coleta de dados em um período de 3 meses. A coleta de dados foi por meio de um questionário encaminhado pela ferramenta Google Docs. As perguntas feitas são contadas em 9, sendo 8 obrigatórias e 1 optativa, bem como 2 discursivas e 7 objetivas (anexo I). O referido instrumento permite explorar as ideias e experiências pessoais e profissionais dos participantes em relação ao tema, bem como alguns dos efeitos do bullying no ambiente escolar.

É importante destacar que também foi feito contato com outras 5 escolas, com apresentação da pesquisa e foi solicitada participação, no entanto, a resposta veio carregada de dificuldades.

Os resultados desta pesquisa foram analisados pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2009), Deste modo, para a análise dos dados foi levado em conta: interpretação do sentido de cada palavra, bem como onde e quando foi exposta levando em conta o processo frente as fases definidas pela autora como Pré- análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados. O uso da análise de conteúdo (Bardin, 2009) contribuiu também para a separação categórica dos dados, dando possibilidades de assemelhar diferentes narrativas em um mesmo assunto a ser analisado. Assim, a análise contou com uma separação em forma de categorias, sendo elas “a Visão dos professores sobre o bullying, a capacitação dentro da escola, políticas de prevenção aplicadas nas reuniões de professores e o interesse das escolas em pesquisas científicas sobre professores.”

É importante ressaltar que todos os procedimentos adotados neste estudo seguiram os princípios éticos com base no que está previsto nas resoluções CNS (Conselho Nacional de Saúde) 466/12 e 510/16. Também foi incluído o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), levando em conta a confidencialidade dos dados e o respeito pela privacidade dos envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

Definição De Bullying

Conforme a Lei nº 13.185, o fenômeno bullying é

todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (Brasil, 2015)

Assim, caracteriza-se por ser um fenômeno complexo e preocupante que afeta muitas pessoas, especialmente crianças e adolescentes. Silva et al. (2018) afirmam que a presença do bullying em escolas de várias nações evidencia que este é um desafio contemporâneo, resultado da maneira como organizam-se a sociedade e o sistema educacional. Para compreender melhor tal problemática, é salutar que se criem canais de diálogo acerca da manifestação deste fenômeno. Verifica-se que a possibilidade de expressar adversidades, e mesmo conflitos, do cotidiano permite um redirecionamento dos planejamentos e procedimentos que fortalecem uma educação mais inclusiva e crítica. É neste sentido que a saúde opera como mecanismo de normatização da vida, indo na contraposição de processos violentos e mesmo mortificantes.

A violência é um conceito amplo, estudado por diferentes autores (Chauí; Itokazu; Chauí-Berlinck, 2017; Dahlberg; Krug, 2007; Rosa et al., 2010). Em linhas gerais, nesta pesquisa a violência é tomada como a impossibilidade de resistência frente a um conflito (Foucault, 2011). Logo, uma prática violenta ocorre como imposição,

agressividade, intimidação, ameaça, hostilidade, coerção e coação, aspectos estes que inviabilizam o discurso, o empoderamento e a identificação de modo interativo, empático e dialógico.

Quando se enfoca na violência escolar, direciona-se a discussão para comportamentos praticados dentre os membros desta comunidade, incluindo professores, estudantes, funcionários e terceiros. Essas ações podem envolver desde atos criminosos e danos ao patrimônio público até conflitos interpessoais e violência simbólica, dentre outras formas de agressão (Silva; Negreiros, 2020). Portanto, o bullying associa-se a comportamentos agressivos e repetitivos, nos quais um indivíduo ou grupo exerce poder e controle sobre outra pessoa que tem dificuldade em se defender. Disputas fazem parte do processo de formação de identidades, influenciando a criação de distinções entre indivíduos e grupos, ao estabelecer classificações, organização e hierarquias sociais (Louro, 2000). Entretanto, os sujeitos que sofrem bullying são, geralmente, selecionados devido a características específicas, como aparência, dificuldade em socialização e timidez. Catini (2004) complementa: “apresenta-se mais vulnerável à ação dos agressores por algumas características físicas, comportamentais ou emocionais. Podemos citar, dentre elas, o fato de ter poucos amigos, ser passivo, retraído e possuir baixa autoestima”.

Podem ser consideradas duas ramificações ao se estudar sobre bullying, a direta e a indireta. Além disso, também há a manifestação no ambiente virtual, conhecida como cyberbullying:

a agressão física direta engloba ataques abertos à vítima envolvendo ações individuais ou em grupo contra uma única pessoa, através de agressões com tapas, empurrões, pontapés, cuspes, roubos, estragos de objetos e a submissão do outro a atividades servis. A agressão verbal direta envolve ações de insultos em público, incluindo xingamentos, provocações, ameaças, apelidos maldosos, comentários racistas, ofensivos ou humilhantes. E a agressão indireta se dá pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, dificultando as relações da vítima com os pares ou prejudicando a sua posição social, por meio de boatos, ignorando a presença da vítima ou ameaçando os outros para que não brinquem com a mesma (Bjorkqvist; Österman; Kaukainen, 1992; Pereira, 2002; Mcgrath, 2007; Antunes et al., 2008; Puhl; King, 2013 apud Zequinão et al., 2016, p. 183).

É importante destacar que o bullying não se trata apenas de conflitos ou brigas esporádicas entre estudantes, não devendo ser minimizado qualquer tipo de agressão com a argumentação de que se trata do desenvolvimento. Como nos lembram Bandeira e Hutz (2012, p. 37), “o bullying é um problema sério e pode trazer consequências graves aos envolvidos”. Além disso, é crucial a constatação de que o bullying não é uma experiência isolada. Assim, “conhecer os preditores para episódios de bullying, especialmente os contextuais, possibilita planejar estratégias que visem à prevenção desse fenômeno nas escolas” (Santos; Perkoski; Kienen, 2015, p. 1019).

Os efeitos de uma experiência de bullying podem causar marcas profundas, sendo que isolamento social e comportamentos relacionados (retraimento, diminuição de vínculos, negar-se a desenvolver trabalhos em equipe) são os mais frequentemente citados como consequências vivenciadas pelas vítimas de bullying na escola (Rigby, 2003 apud Santos; Perkoski; Kienen, 2015), afetando negativamente a saúde mental e emocional das vítimas, podendo causar baixa autoestima, ansiedade e depressão.

Processo de manifestação do bullying no ambiente escolar

Pode-se identificar o agente agressor como um indivíduo ou grupo de pessoas. Para isso, é necessário analisar as influências e motivações do fenômeno. Silva et al. (2018) relatam que “a relação entre o indivíduo que pratica o bullying e o seu contexto histórico e social pode ser uma explicação para os motivos dessa prática em nossa sociedade”. Uma pesquisa mostrada pelo Jornal de Pediatria da Associação Brasileira de Pediatria afirma que, em relação aos agressores, “32,6% relataram sentirem-se muito bem após as agressões, e 44,2% deles relataram sentirem-se muito mal, e 79,3% dos agressores relataram praticar os atos de agressão por várias vezes” (Rech et al., 2013, p. 169). O agressor possui influências diversas, para Salgado et al. (2020), com frequência, os encarregados dos estudantes deixam de enfatizar os comportamentos positivos de seus filhos e não oferecem a devida atenção, afeto e suporte essenciais às crianças e adolescentes.

Ou seja, a falta de uma cooperação entre família e escola pode influenciar no desenvolvimento do processo de manifestação do bullying. Além disso, os educadores identificaram a personalidade, a mídia e os padrões sociais como influências que podem explicar o envolvimento dos estudantes em situações de bullying (Salgado et al., 2020).

O agressor seleciona uma vítima, que ao longo da manifestação do fenômeno podem apresentar indícios como “sintomas como baixo rendimento escolar, baixa autoestima, enurese, dores de cabeça e de estômago, agressividade, pânico, depressão e atos deliberados de autoagressão” (Rigby, 2003; Salmivalli et al., 1996; Salmon; James; Smith, 1998 apud Santos; Kienen, 2014). Os atos de bullying realizados pelos agressores, podem incluir insultos, humilhações, ameaças, agressões físicas, exclusão social e cyberbullying. Essas ações são repetidas e direcionadas especificamente à vítima, não importa qual seja o termo usado para descrevê-lo, o bullying se refere a comportamentos violentos, físicos ou verbais, que ocorrem entre os estudantes (Toro; Neves; Rezende, 2010).

No ambiente social escolar, há testemunhas e espectadores que observam o comportamento agressivo (Silva et al., 2018). Os professores estão cientes do bullying, muitas vezes o percebendo principalmente como xingamentos e agressões verbais (Geronasso; Ens, 2012). Algumas testemunhas permanecem neutras, outras participam ativamente ou incentivam o agressor. Uma pesquisa realizada em 2012 afirmou que “a maioria (59%) afirmou presenciar comportamentos de bullying entre colegas frequentemente (várias vezes ao dia, quase todos os dias, quase todas as semanas)” (Geronasso; Ens, 2012).

Embora os professores frequentemente tenham conhecimento sobre o bullying, a

realidade é que a maioria deles desconhece os detalhes e a extensão completa desse fenômeno (Geronasso; Ens, 2012). Podendo assim, levar esse ciclo de bullying a se repetir ao longo do tempo, muitas vezes com o agressor encontrando conforto na prática. A falta de intervenção adequada e a ausência de treinamento para o corpo pedagógico podem encorajar a continuidade do comportamento agressivo, perpetuando o ciclo. “Frente a isso, questiona-se como prevenir a prática do bullying, já que esse é um problema social que vem quase que impossibilitando a ação dos professores no processo de ensinar e aprender” (Geronasso; Ens, 2012).

A relação bullying e professores

Conforme apontado por Oliveira-Menegotto e Machado (2018, p. 324) “A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil”. E o professor acaba, muitas vezes, se sentindo solitário para lidar com tal problema (Geronasso; Ens, 2012).

É observável que os professores desempenham um papel primordial na identificação e combate ao bullying dentro do ambiente escolar (Francisco; Libório, 2009; Oliveira-Menegotto; Machado, 2018). Aos profissionais da educação é atribuída a responsabilidade de desempenhar um papel crucial não apenas no processo de aprendizagem, mas também nas questões sociais que envolvem os alunos (Geronasso; Ens, 2012). Eles são alguns dos principais observadores das interações entre os alunos e têm a responsabilidade social de contribuir no fortalecimento de um ambiente seguro e acolhedor.

O professor enfrenta desafios quando se depara com situações de intimidação na escola, muitas vezes se sentindo despreparado para lidar com o problema. Isso ocorre devido à falta de conhecimento sobre estratégias de intervenção e à ausência de políticas que ofereçam suporte efetivo para abordar essa questão e para respaldar o trabalho docente realizado na escola. (Geronasso; Ens, 2012)

No entanto, muitos professores desconhecem o alcance e a gravidade do bullying, ocupando-se, por vezes, em subestimar e afastar-se destas ocorrências. Não é intenção culpabilizar os professores, até porque essa é uma classe sobrecarregada de trabalho. Contudo, é importante analisar criticamente alguns costumes que podem priorizar conteúdo programático em detrimento dos problemas interpessoais dos alunos (Del Ponti; Moraes; Del Prette, 2020). Ainda, destaca-se que a relação entre bullying e professores não se limita apenas à identificação e punição dos agressores. Propõe-se a avaliação do foco nas habilidades sociais educativas destes trabalhadores, tanto sob a perspectiva dos docentes quanto dos diversos grupos de alunos envolvidos no bullying, como uma abordagem para combatê-lo e preveni-lo (Del Ponti; Moraes; Del Prette, 2020).

Além disso, há variadas dinâmicas de poder e relações sociais operadas dentro da sala de aula. Por isso, o ambiente escolar não se refere apenas aos intramuros, mas também a toda a conjugação da saúde mental dos que ali convivem. Assim, é crucial

que as políticas escolares e o sistema educacional como um todo ofereçam suporte aos professores.

Vale enfatizar, contudo, que tal constatação não visa responsabilizar os professores pelo grande número de casos desse tipo de violência nas escolas, e sim enfatizar a necessidade de criação de políticas públicas e capacitações dos atores sociais envolvidos com a educação para lidarem com essa problemática. (Silva et al., 2018)

Faraj et al. (2021) destacam que “pode-se averiguar que esse fenômeno ainda é visto como algo não relevante por muitos profissionais, que, muitas vezes, desconsideram a sua existência e gravidade no contexto escolar”. Estes autores também afirmam que é responsabilidade da escola operar como mediadora legal e social na avaliação e prevenção das práticas de bullying e outros formatos de violência. Isso envolve ter um olhar atento para as relações estabelecidas dentro da escola, considerando todos os envolvidos nesse contexto. É necessário um trabalho colaborativo entre professores, equipe administrativa, pais e comunidade para criar um ambiente escolar seguro e respeitoso (Faraj et al., 2021).

Análise da Literatura

Os dados apontaram para uma gama diversificada de interpretações acerca da natureza do bullying entre os docentes. Para uma análise profunda, a separação por categorias, a fim de relacionar aqueles que se assemelham, foi dada em 4 temas.

A visão dos professores sobre o bullying

Houve uma gama diversificada de respostas a respeito da definição de bullying. Costa, Souza e Oliveira (2012) destacam a importância de compreender o papel do professor diante das situações de bullying. Assim, na pergunta “O que é bullying para você?”, foi observado a mesma palavra sendo usada por diversos participantes. Em relatos colhidos, pode ser citado que a palavra “ação” foi vista repetidamente, podendo ser citado “Uma ação que se repete de forma intencional realizado por uma pessoa ou por um grupo, de forma a prejudicar a pessoa.”, dando um sentido geral ao bullying como verbo. Outra palavra que se destaca nas respostas é “violência”, sendo algumas vezes usada na companhia de adjetivos como física e psicológica. Também foi obtido relatos com a palavra “inconsciente”, como “Uma repressão inconsciente” caracterizando a definição como uma ação sem entendimento psíquico do ato em si. Em geral, a maioria das respostas se assemelha a definição segundo a Lei nº 13.185, porém não foi visto alguma resposta com bases teóricas do assunto ou associação a leis governamentais, tão pouco um relato de definição com mais de três frases, ou seja, foi observado uma escassez de informações sobre o assunto. A falta de conhecimento por parte dos professores sobre a manifestação e

disseminação do bullying pode levar à omissão, não por negligência, mas devido à falta de experiência para abordar ativamente a resolução do problema, como apontado por Pingoello (2009). A variação no reconhecimento das práticas de bullying sublinha a importância crucial de capacitar os educadores com ferramentas e estratégias capazes de identificar sutilezas, garantindo assim uma intervenção tempestiva e efetiva.

A capacitação dentro da escola

Conforme Bouth e Souza (2011) e Lima, Otani e Helou (2011), é de suma importância que a equipe que atua no contexto escolar observe os comportamentos dos alunos. Buscar maneiras de atuar como mediadores torna-se um papel crucial, visando facilitar o diálogo e promover a aceitação das diferenças. O reconhecimento de práticas de bullying dentro o período escolar, todos os professores participantes informaram que já presenciaram tais ações. Em relação aos programas de capacitação disponibilizados pela instituição educacional, verificou-se que 76,9% responderam “sim” para a pergunta “Você já participou de algum treinamento em relação a essa temática?”, ou seja, uma parcela minoritária carece do treinamento adequado para lidar com o fenômeno do bullying. Isso significa que alguns professores não estão familiarizados com os protocolos padrão e eficazes para abordar as situações que testemunham. Todavia, foi relatado em outra pergunta que a maioria (61,5%) não se sente capacitado para identificar e intervir nessas situações em suas aulas. Logo, pode ser afirmado que nem todos aqueles que participaram de possíveis capacitações se sentem realmente preparados para intervir e planejar ações a partir do bullying. Gisi, Vaz e Valter (2012, p. 4) confirmam que o bullying não é um tema que recebe uma atenção devida e suficiente no processo de formação dos profissionais.

Políticas de prevenção e reunião de professores

A lacuna evidenciada nos programas de treinamento institucionais enfatiza a urgência de investir em iniciativas de desenvolvimento profissional que habilitem os professores a lidar de modo adequado e sensível com situações de bullying. As ações diárias desencadeadas pelos professores para fomentar o bem-estar dos alunos ressaltam o papel vital do educador na criação de um ambiente escolar seguro e acolhedor. Essas práticas podem ser adotadas como modelos a serem compartilhados e estimulados em outras instituições de ensino. Levando em conta essa perspectiva, a pergunta “Há políticas de prevenção em relação ao bullying na escola onde você atua?” mostrou que mais de 80% responderam “sim”. Mas, quando perguntado com qual frequência é discutido sobre bullying nas reuniões de professores, tivemos 53,8% responderam “anualmente” e 46,2% escolheram a opção “mensalmente”. Ou seja, mesmo a maioria respondendo que há políticas de prevenção, tal assunto não é discutido diariamente ou semanalmente entre as reuniões. Logo, é crucial realizar estudos que abordem o bullying no ambiente escolar, pois eles têm o potencial de expandir o entendimento desse problema e de apoiar o desenvolvimento de políticas de combate e prevenção a esse fenômeno, que

tem sido reconhecido como uma questão de saúde pública (Almeida; Silva; Campos, 2008).

Inserção de pesquisas externas no ambiente escolar.

Seguindo pelo pressuposto de que a escola não deve desempenhar o papel de perpetuar o sofrimento psicológico daqueles que se encontram nesse contexto (Bandeira; Hutz, 2010), foi procurado de início não uma escola, mas seis outras na cidade de origem da pesquisa. A fim de aumentar o repertório de dados, com possibilidade de associar uma resposta de escola a outra. Desde o início, as pesquisadoras foram pessoalmente em diversas instituições de ensino, bem como procurou por ligação. Houve uma semelhança nas respostas colhidas pelas secretarias. 50% relataram a proibição de pesquisas externas na escola que atua. Em outras ocasiões, foi visto um avanço até um possível acordo com a diretoria, mas quando procurado de novo para o prosseguimento, não se obtinha resposta, tão pouco um parecer sobre o assunto proposto. Uma rede relatou uma série de passos para se colher os dados, como um período de meses para a leitura do projeto, encaminhamento ao jurídico, análise do jurídico e em seguida, possivelmente, seria encaminhado o documento para os professores.

Analisando os dados colhidos, a dificuldade em aplicar a pesquisa em outras escolas é um fator determinante quando se fala em propagação da prática de bullying. A escola representa um ambiente propício à disseminação, uma vez que reúne indivíduos diversos e grupos sociais. Conforme destacado por Santelli, Lopes e Lima (2009), a escola figura como um dos cenários onde distintas identidades interagem. Sendo um espaço público, a instituição escolar deve priorizar a promoção do respeito às diferenças e a facilitação do diálogo. Fante (2005) ressalta a importância da participação de toda a equipe escolar, da família e da comunidade na luta contra o bullying escolar. Partindo tal lógica, é importante não só a criação de estudos científicos do universo educacional como a colaboração de instituições de ensino em contribuir ativamente para essas questões.

A última pergunta do formulário apresentado é caracterizada por ser optativa e ser um espaço de possíveis sugestões que poderiam dar. Assim, pode ser citado o relato "Apenas um conceito sem base teórica. O bullying, na maioria das vezes, é uma dor reprimida que, quando entra em "ebulição", alivia sentimentos e emoções enfrentadas inconscientemente." Como outra sugestão, "A importância de trazer as famílias para essas discussões". Foi notado então um interesse por parte dos professores em entenderem mais sobre e se informar sobre processos de manifestação e possíveis intervenções práticas. Entretanto, as secretarias e diretorias deram respostas distintas. É de suma importância o reconhecimento de evoluções sociais a partir de pesquisas científicas, pautadas em ética e cuidado. Estudos que cogitam abordar o bullying no universo escolar são fundamentais, visando a possibilidade de ampliar o conhecimento dessa temática e contribuir para o avanço de políticas para combate e prevenção deste fenômeno que tem sido considerado um problema de saúde pública (Almeida; Silva; Campos, 2008; Lopes Neto, 2005).

CONCLUSÃO

Verifica-se que este fenômeno é frequentemente subestimado por muitos profissionais, os quais, por vezes, não reconhecem sua importância e gravidade no ambiente escolar. É responsabilidade da escola operar como mediadora legal e social na avaliação e prevenção das práticas de bullying e outros formatos de violência. Isso envolve ter um olhar atento para as relações estabelecidas dentro da escola, considerando todos os envolvidos nesse contexto. É necessário um trabalho colaborativo entre professores, equipe administrativa, pais e comunidade para criar um ambiente escolar seguro e respeitoso. Em síntese, o estudo ressalta de maneira contundente a vital importância de focar detalhadamente as percepções dos educadores sobre o fenômeno do bullying, com vistas a embasar e orientar a formulação de políticas e estratégias educacionais de alcance mais abrangente. Tais medidas se revelam cruciais no intento de construir um ambiente escolar verdadeiramente seguro e inclusivo, atuando de modo a prevenir ativamente ocorrências de bullying e possibilitar uma intervenção eficaz em face deste complexo e desafiador panorama educativo. Nesse sentido, a pesquisa investigou percepções de professores sobre o conceito de bullying e suas ramificações. Conclui-se então a necessidade premente de promover um entendimento aprofundado de docentes sobre o bullying como um pilar fundamental na edificação de uma educação mais responsável, empática e adaptada às dinâmicas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. L.; SILVA, A. C.; CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista de Pediatria**, n. 9, v. 1, p. 8-16, 2008.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escola e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012.
- BANDEIRA, C. M.; Hutz, C. S. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BERGER, Kathleen Stassen. Update on Bullying at School: Science Forgotten. **Developmental Review**, v. 27, n. 1, p. 90-126, mar. 2007.
- BOUTH, R. N. S.; SOUZA, V. B. Bullying: a intensidade e frequência da prática relacionados com o gênero do autor. **Revista Internacional de Investigación em Ciencias Sociales**, n. 7, v. 1, p. 29-60, 2011.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União, 2015.

CATINI, Nilza. **Problematizando o “Bullying” para a realidade brasileira.** 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza; ITOKAZU, Ericka Marie; CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. **Sobre a violência.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. (Escritos de Marilena Chauí, volume 5).

COSTA, M. A. P.; SOUZA, M. A.; OLIVEIRA, V. M. Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. **Educação e Pesquisa**, n. 38, v. 3, p. 653-665, 2012.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163–1178, 2007.

DEL PONTI, Franciele; MORAES, Patricia; DEL PRETTE, Zilda. Bullying e habilidades sociais educativas: avaliação dos professores e alunos. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, 2020. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/644/bullying-e-habilidades-sociais-educativas--avaliacao-dos-professores-e-alunos>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

ESTEVE C. E. A.; ARRUDA, A. L. M. M. Bullying: Quando a brincadeira fica séria, causas e consequências. **Saberes da Educação**, n. 5, v. 1, 2014.

FANTE C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus, 2005.

FARAJ, Suane Pastoriza et al. Enfrentando o bullying na escola: experiências de intervenções no combate à violência. **Aletheia**, v. 54, n. 2, p. 165–172, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petropolis: Vozes, 2011.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Um Estudo Sobre Bullying Entre Escolas Do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.22, n. 2, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200005. Acesso em: 12 jun. 2023.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, n. 16, v. 1, 2012.

GERONASSO, Jociane Emília Silva; ENS, Romilda Teodora. Bullying: políticas e representações sociais de professores da escola básica. **Form. Doc.**, v. 4, n. 6, p.56–70, 2012.

GISI, M. L.; VAZ, F. A. B.; VALTER, C. C. N. Bullying: um desafio para a formação de professores. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA REGIÃO SUL*, 2012, Caxias do Sul. **Anais**

[...]. Caxias do Sul: UCS, 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995.

JENAL, Sabine et al. O processo de revisão por pares: uma revisão integrativa de literatura. **Acta Paul Enferm.**, v. 25, n. 5, p. 802–808, 2012.

LIMA, C. C.; OTANI, N.; HELOU, A. R. H. A. Bullying na percepção da equipe técnica das escolas estaduais de Criciúma - SC. **Interlink**, n. 2, v. 2, p. 69-84, 2011.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, n. 81, v. 5, p. 164-172, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59–75, 2000.

MENESINI, E.; ESLEA, M.; SMITH, P. K.; GENTA, M. L.; GIANETTI, E.; FONZI, A.; COSTABILE, A. Cross national comparison of children's attitudes towards bully/victim problems in school. **Aggressive Behavior**, v. 23, p. 245-257, 1998.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; MACHADO, Isadora. Bullying escolar na perspectiva dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.18, n. 1, p. 321–340, 20 dez. 2018.

PEDRA, J. A.; FANTE, C. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PINGOELLO, I. **Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula**. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP - campus de Marília, 2009.

RECH, Ricardo R. et al. Prevalence and Characteristics of Victims and Perpetrators of Bullying. **Jornal de Pediatria (Versão Em Português)**, v. 89, n. 2, p. 164–170, mar. 2013.

ROSA, Rosiléia et al. Violência: conceito e vivência entre acadêmicos da área da saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, p. 81–90, mar. 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (Org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2004. (Biblioteca Artmed. Psicologia do desenvolvimento, infância e adolescência).

SALGADO, Felipe Soares et al. Bullying no ambiente escolar: compreensão dos educadores. **Journal of Human Growth and Development**, v. 30, n. 1, p. 58–64, 2020.

SANTELLI A. D.; LOPES, M. E. P. de S.; LIMA, S. S. **Módulo VI: identidade, sujeito e fatos históricos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

SANTOS, Karine da Silva et al. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 655–664, fev. 2020.

SANTOS, Mariana Michelena; KIENEN, Nádia. Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 161–178, 2014.

SANTOS, Mariana Michelena; PERKOSKI, Izadora Ribeiro; KIENEN, Nádia. Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p.1017–1033, 2015.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói: EduFF, 2007.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escola e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 329–338, 2013.

SILVA, Ellery da; NEGREIROS, Fauston. Violência nas escolas públicas brasileiras: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, p. 327–340, 2020.

SILVA, Fábio Luiz da et al. As violências no ambiente escolar: o bullying na percepção de professores e alunos. **Cadernos da Pedagogia**, v. 12, n. 23, p. 34–42, 2018.

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 1, p. 123–137, 2010.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; CAMPOS, Carlos Alexandre. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 275–283, 2016.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181–198, mar. 2016.